

Artigos de revisão

Análise de discurso e a fonoaudiologia: um diálogo promissor

Discourse analysis and Speech, Language and Hearing Sciences – a promising dialogue

Cynthia Ferreira Gonçalves⁽¹⁾

Regina Maria Ayres de Camargo Freire⁽¹⁾

⁽¹⁾ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Conflito de interesses: inexistente

Recebido em: 03/12/2015
Aceito em: 09/06/2016

Endereço para correspondência:
Cynthia Ferreira Gonçalves
Rua Doutor Clementino, 456. Apto: 114 B
Belenzinho – São Paulo – SP
CEP: 03059-030
E-mail: cinthiafgon@yahoo.com.br

RESUMO

Objetivo: há um crescente interesse da Fonoaudiologia por estudos que dirigem seu foco ao discurso, em especial os que centralizam disciplinas indiciárias, como a Análise de Discurso de linha francesa, desta-que neste trabalho. Diversas áreas da Fonoaudiologia têm sido beneficiadas ao se aproximar da Análise do Discurso como teoria e método para a pesquisa. Há uma relação de interesses entre ambas que permite o diálogo na busca de respostas às questões recorrentes da prática de cada uma em particular.

Métodos: identificar artigos e dissertações produzidas na área da Fonoaudiologia que utilizaram a Análise de Discurso de linha francesa como dispositivo teórico-metodológico e compilar seus achados.

Resultados: foi possível identificar certas propriedades discursivas na gagueira; pontuar a interpretação enquanto técnica terapêutica para agir sobre a fala de pacientes; acolher a demanda de pacientes a partir dos efeitos que o sujeito indicia em seus dizeres; alçar a escuta e a interpretação para o diagnós-tico fonoaudiológico comprometido com o sujeito em seu sintoma de linguagem e o assujeitamento do Fonoaudiólogo à ideologia dominante abrindo-lhe um espaço de manobra em sua formação.

Conclusão: a Análise do Discurso contribui para a problematização do campo fonoaudiológico no que diz respeito ao seu método clínico e sua atuação institucional, discutindo questões ideológicas e questio-nando a escuta, a interpretação e o discurso, dentro de uma perspectiva que faceia ideologia e subjetivi-dade, podendo servir de instrumento para análise de dados da prática fonoaudiológica.

Descritores: Fala; Fonoaudiologia; Terapêutica; Audição

ABSTRACT

Purpose: in the Speech, Language and Hearing Sciences field, there is a growing interest in studies direc-ting their focus on the discourse, especially those centering conjectural disciplines, such as the French Discourse Analysis, which is highlighted in this paper. Several Speech, Language and Hearing Sciences areas have benefited when approaching discourse analysis as a theory and method for researching. There is a mutual interest between theory and method allowing for dialogue in the search for answers to ques-tions that are recurrent in the practice of each one in particular.

Methods: to identify articles and dissertations in the area of Speech, Language and Hearing Sciences which used the French Discourse Analysis as a theoretical and methodological device, and compile the findings.

Results: it was possible to identify certain discursive properties in stuttering; to point out the interpretation as a therapeutic technique to act on the speech of patients; accept the demand of patients from the effects indicated by the subject's sayings; raise the listening and interpretation for speech and language diagnosis committed to the subject in its language symptom, and the audiologist's subjection to the dominant ideo-logy, giving his training some maneuvering space.

Conclusion: the Discourse Analysis contributes to questioning the field of Speech, Language and Hearing Sciences as it relates to clinical method and its institutional operation, discussing ideological issues and questioning the listening, interpretation and discourse, in a perspective that faces ideology and subjecti-ty, serving, perhaps, as a tool for the Speech, Language and Hearing Sciences practice data analysis.

Keywords: Speech; Speech, Language and Hearing Sciences; Therapeutics; Hearing

INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso de linha francesa é uma proposta teórico-metodológica que vem sendo utilizada de forma significativa pela Fonoaudiologia. Seus pressupostos vão ao encontro de questões pertinentes à este campo por valorizar, em seus estudos, o discurso e seus efeitos, o sujeito assujeitado, o outro, a interpretação, o sentido, a ideologia.

Entende-se que esse modelo de análise poderia ser mais amplamente utilizado e, para dar força a esta afirmação, identificou-se diversos artigos e pesquisas no campo da Fonoaudiologia que utilizaram as ferramentas da Análise de Discurso de linha francesa. Portanto, este estudo tem como objetivo apresentar tais trabalhos e atestar o diálogo profícuo que pode se dar entre estas duas disciplinas.

A seguir serão apresentados, brevemente, os principais conceitos da Análise de Discurso de linha francesa.

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) iniciou seu percurso histórico na França, na década de 60, sob uma conjuntura dominada pelo estruturalismo de Lévi Strauss e Roland Barthes, com um modelo de análise do discurso baseado nos pressupostos das Ciências Sociais. A proposta teórica da AD, por se fazer no entremeio de disciplinas faz com que, muitas vezes, seja chamada de transdisciplina ou interdisciplina. A AD propõe uma teorização que abarque a relação do discurso com a história e com o sujeito da enunciação. Michel Pêcheux indica que a referência à história estaria ameaçada por um grande impasse: entender que fatores sociais se materializam na língua ou tentar abordar uma mudança linguística pelo viés da fala e dos falantes. Assim, ele faz uma proposta que será chamada de Análise de Discurso de linha francesa para se distinguir de outras vertentes. Michel Pêcheux, cujos trabalhos discutem questões relacionadas à ideologia dos discursos – e outros autores que fazem a tradução de sua obra e dão continuidade à ela: Françoise Gadet, Catherine Fuchs, na França e Eni Orlandi, entre outros, no Brasil, serão os autores de referência deste trabalho.

Segundo Gadet¹, Pêcheux tinha duas razões para escolher o discurso como um lugar preciso onde se pudesse intervir teoricamente, e, assim, propor uma teoria do discurso: “a relação oculta entre a prática política e as ciências sociais” e “uma ligação entre a prática política e o discurso”. Neste sentido, Pêcheux recusa a concepção reducionista de linguagem como instrumento de comunicação. Para elaborar

teoricamente uma “concepção original da linguagem”, Pêcheux foi a busca de definições no Estruturalismo. A preocupação central de Pêcheux se referia à “ligação entre o discurso e a prática política, ligação que, para ele, passa pela ideologia”. É nesta referência que Pêcheux introduz o conceito de sujeito enquanto “efeito ideológico elementar”, ou seja, aquele que é “chamado sempre já sujeito”. Para ele, “é enquanto sujeito que qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção”¹.

Pêcheux se propôs a discernir as relações entre o “sujeito da linguagem” e o “sujeito da ideologia”, ou seja, “as relações entre a evidência subjetiva e a evidência do sentido (ou da significação), e colocou o discurso entre a linguagem (vista a partir da linguística, do conceito saussuriano de língua) e a ideologia”¹. Neste momento a preocupação de Pêcheux não recaía em definir o conceito de ideologia, mas entender a ligação entre o objeto de análise da teoria do discurso e o objeto da linguística.

Segundo Gadet e Hak¹, para Pêcheux, a língua, conceito tomado de Saussure, “deve ser pensada como um sistema”, não tendo a função de exprimir sentido, “torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento (...) não se deve procurar o que cada parte significa, mas quais são as regras que tornam possível qualquer parte, ou seja, a língua é um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições”.

Para a AD, seu objeto de estudo é o discurso, compreendido como um objeto histórico cuja materialidade específica é linguística. Ao analista de discurso importa abordar aquilo que faz com que um discurso seja uma sequência única, uma totalidade linguística específica e não somente um conjunto de frases.

A AD procura entender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história. A língua constitui a possibilidade do discurso. Sob esta ótica, a língua é compreendida como “incompleta e heterogênea porque é afetada pela história, estando sempre propícia aos deslizamentos, aos múltiplos sentidos, à ambiguidade. É entendida como uma forma material de chegar ao sujeito. A Análise de Discurso compreende sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo. Ambos não são transparentes e devem ser observados a partir da sua materialidade linguística”².

Para a AD, a língua é a possibilidade do discurso entre sujeitos, sendo o discurso seu objeto de estudo, e a linguagem é entendida como “fala, uso, atos de

linguagem, interação, mediação, ação que transforma”³ que entra em funcionamento quando há uma relação entre língua e discurso.

Pode-se identificar, nos dizeres do sujeito, um discurso que desliza entre processos parafrásticos e polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles em que, mantendo-se o mesmo sentido, se pode dizer de diversas maneiras, e os processos polissêmicos são os que determinam sobre o dizer diversos sentidos.

O discurso varia de acordo com as condições de produção e o seu sentido depende da posição de quem fala, para quem fala, do lugar que fala. “O contexto histórico-social, a situação, os interlocutores – isto a que chamamos tecnicamente de condições de produção – constituem a instância verbal produzida, ou seja, o discurso”³.

As condições de produção são formações imaginárias que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto de discurso; podem ser pensadas num sentido amplo, compreendem as circunstâncias da enunciação, ou seja, o contexto imediato, e incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. Compreendem as imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, diante de um contexto sócio-histórico. “Assim, formam-se as imagens da posição do sujeito da enunciação (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também da posição do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também do objeto do discurso (do que eu estou falando, do que ele me fala?)”¹.

Cabe considerar dois fatores relacionados às condições de produção: o primeiro diz respeito a relação de forças, que se refere ao lugar de onde fala o sujeito e, ao valor de sua posição no discurso. O segundo fator diz respeito ao mecanismo de antecipação, em que o sujeito irá dizer de um modo ou de outro, de acordo com o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Segundo Orlandi³ “Pela antecipação o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte, a partir de seu próprio lugar: é a maneira como o locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa”. Neste caso, o que o enunciador supõe que o ouvinte vai pensar que irá constituir o seu próprio dizer.

Para a AD, a enunciação de uma mesma materialidade linguística, em condições diversas, pode gerar diversos efeitos de sentido. Segundo Orlandi³ “os efeitos de sentido são produzidos por mecanismos tais como o dos registros, o dos tipos de discurso e são produzidos também pelo fato de que o lugar dos interlocutores significa. Essa é uma especificidade: nas

marcas de interlocução há vestígios da relação entre a formação discursiva e a formação ideológica”.

Outro conceito importante para a AD se refere às formações discursivas (FD), que representam, no discurso, as formações ideológicas (FI) que lhes são correspondentes. Para a AD a mesma palavra pode significar de modo diferente, conforme tenha sido produzida nesta ou naquela formação discursiva. “Aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos, etc. Isso tudo – que se articula como formações imaginárias – pode ser analisado na relação existente entre as formações discursivas e a formação ideológica dominante”³.

Uma FD é constituída dentro de um interdiscurso, também chamada de memória discursiva, que é o lugar de onde o sujeito retira o que é possível e o que não é possível no seu discurso, de acordo com sua FD. “Esse interdiscurso é uma espécie de baú, onde o sujeito encontra um conjunto de possibilidades para o seu dizer, e essas podem confundir-se com possibilidades de dizer de outras FDs, gerando aí os novos sentidos”². A formação discursiva é o lugar do sentido, da metáfora, da interpretação, da ideologia. É por meio das FDs que a Formação Ideológica se mostra. A formação discursiva media, de um lado, as condições de produção e o funcionamento discursivo e, de outro, a formação ideológica. O funcionamento discursivo, segundo Orlandi³ “é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”.

Ao considerar as questões discursivas, Pêcheux⁴ diz sobre dois esquecimentos que ocorrem no discurso. O esquecimento número 1, que é chamado de ocultamento ideológico, de natureza inconsciente, no qual o sujeito tem a ilusão de ser a origem do seu dizer. Para o autor, há uma formação discursiva que domina o sujeito, onde se reproduz o discurso do outro, já proferido. Esta é uma zona inacessível ao sujeito. O esquecimento número 2 é relativo aos processos de enunciação, nos quais existe um ocultamento linguístico parcial, um funcionamento que é do tipo pré-consciente/ consciente, onde o sujeito tem a ilusão de que o seu dizer expressa exatamente o que pensa. Esta é uma zona que o sujeito pode penetrar conscientemente. Isso se dá quando o sujeito reformula o seu dizer com a intenção de expressar suas ideias da melhor forma possível, com a ilusão de que pode controlar os sentidos daquilo que diz.

Nesse sentido, o autor faz uma analogia entre estes dois tipos de esquecimento e a “oposição dos esquecimentos da teoria lacaniana, ao referir que, no primeiro tipo de esquecimento, o processo de interpelação-assujeitamento do sujeito, foi designado por Lacan como Outro. Em relação ao segundo tipo de esquecimento, Lacan designou-o como identificação imaginária. [(em que o outro refere-se a um outro eu (outro)]”^{5,6}.

A AD também traz o conceito de interpretação que, segundo Orlandi³, é a condição para a existência de sentidos, ilustrando a presença da ideologia. O sujeito é levado a interpretar qualquer objeto simbólico, e esta interpretação é, na verdade, efeito ideológico porque os sentidos atribuídos pelo sujeito, se referem à sua historicidade e, por este efeito, a linguagem e a história perdem sua opacidade e espessura. O discurso constitui o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, entendendo a língua como produção de sentidos por/ para os sujeitos.

“A interpretação na AD trabalha o processo de significação, porém, não buscando um sentido único, ou verdadeiro, pois essa interpretação está implicada com os sentidos possíveis que o discurso pode ter, a partir das condições nas quais ele foi produzido, não dependendo apenas das intenções do sujeito, mas das situações que este vivencia”².

A AD passa por reformulações teóricas em torno do conceito de subjetividade. Inicialmente fala-se do “sujeito enquanto efeito ideológico”¹, em 1975, juntamente com Fuchs, Pêcheux passa a falar em “uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica”¹. Posteriormente, Pêcheux articula as noções de inconsciente e de ideologia, ao propor o que chamou de uma “teoria não subjetiva da subjetividade”⁴.

Quanto à tipologia do discurso, que também faz parte das discussões na AD, diferenciam-se três tipos: lúdico, autoritário e polêmico, caracterizando-os, respectivamente, como predominantemente polissêmico, parafrástico e equilibrado. Esta tipologia foi estruturada a partir do estudo sobre o Discurso Pedagógico por Orlandi³, com a finalidade de servir como método para se analisar o discurso. O discurso lúdico é o discurso da brincadeira, da ironia (no sentido de ir contra o que se quer dizer). O discurso autoritário é dirigido por quem fala, caracterizado pela não-reversibilidade, ausência de troca de turnos no discurso. Este tipo de discurso tende a silenciar o outro, negando-lhe a ocupação de diferentes posições e fazendo com que fique estancado em um lugar – produzindo sentidos não

proibidos. Já no discurso polêmico, o referente muda de direção e, ao mudar de direção, o discurso se transforma, se modifica.

Segundo Gadet e Hak¹, o termo referente é esclarecido por Pêcheux ao se referir à Roman⁷ que diz tratar-se de um contexto que está sendo usado como mensagem entre o destinador e o destinatário.

A AD possui uma teoria extensa, porém, este estudo limitar-se-á nos principais conceitos que serão discutidos ao longo do texto.

MÉTODOS

Levantamento, em fontes bibliográficas, de artigos, dissertações e teses em Programas de Pós-Graduação da área de Fonoaudiologia nos quais a Análise de Discurso de linha francesa tenha sido utilizada como dispositivo teórico-metodológico. Foram selecionadas oito pesquisas, publicadas no período de 2000 a 2012, sendo todas oriundas do Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia da PUC-SP. Os trabalhos foram lidos na íntegra e serão resenhados ao longo do artigo.

REVISÃO DA LITERATURA

Análise De Dados

A Fonoaudiologia, tal como a AD, estrutura-se em torno do conceito de sujeito marcado pelo sentido nas diferentes condições de produção a que está submetido e, portanto, à ideologia à qual está assujeitado. Na atuação clínica fonoaudiológica no campo da linguagem e da fala, muitos estudos têm se beneficiado do modelo teórico metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

Neiva⁸ investigou a interpretação na Fonoaudiologia, abrindo a possibilidade de propor dispositivos que norteiem teoricamente a interpretação como procedimento clínico. Para a autora, a interpretação em Fonoaudiologia é a técnica, o instrumento clínico capaz de gerar deslocamentos na fala dos pacientes, transformando a linguagem e, conseqüentemente, apagando o sintoma. Ressalte-se, nesta pesquisa, o fato de os termos escuta e interpretação encontrarem-se no centro das reflexões por serem considerados fundamentais para um diagnóstico fonoaudiológico comprometido com os sintomas de linguagem. Desta maneira, o termo “escuta” diz respeito ao trabalho com as significações realizado pelo clínico: não é outra coisa senão “estar aberto para o dito do outro, isto é, livre para os sentidos, apostando na polissemia, para interpretar o dito. Ao dizer o dito, o clínico está

instaurando um efeito possível de sentido. A ideia da opacidade é condição para a noção de escuta pelo fato de os sentidos não serem transparentes. Portanto, ao clínico institui-se o trabalho de fazer aprisionamentos provisórios, ou seja, interpretar⁹.

Em outra pesquisa, Castellano¹⁰ aborda os termos “Escuta e Interpretação” por “considerá-los fundamentais no processo terapêutico comprometido com uma relação construída dialeticamente”. Para a autora, “supor uma dialética é entrever que terapeuta e paciente se envolvem de modo subjetivo, o que impõe a afirmação de que cada atendimento evoca uma relação peculiar entre sujeitos, rejeitando qualquer proposta que defenda a homogeneidade” (p. 2). A autora partiu de pressupostos teóricos fundamentados na Análise de Discurso de linha francesa, em que “a leitura do discurso se processa na direção dos sentidos que o envolvem, sem perder de vista que aquilo que não é (ou não pode ser) verbalizado pelo paciente diz de sua história enquanto falante” (p. 2). Nesta mesma perspectiva, “segundo Orlandi¹¹ a palavra “discurso” sustenta a ideia de curso/ percurso/ palavras em movimento. O discurso, constituído pela linguagem, é o mediador entre o homem e o mundo. Desta forma, a língua não é tratada sob a ótica do código, mas na possibilidade múltipla de significar, nos diversos sentidos que assume, de acordo com as situações vividas pelo homem em sua realidade” (p. 2).

A pesquisadora complementa que o dispositivo teórico metodológico da AD pode ser assumido pela clínica fonoaudiológica, ou seja, “indicar nas produções do paciente, suas filiações discursivas, que são as marcas de funcionamento da língua. Tal busca não se focaliza na mensagem, que pressupõe um movimento linear do emissor para o receptor. O interesse se localiza no discurso, instante em que ambos – terapeuta e paciente – realizam simultaneamente o processo de significação” (p. 2). Desta maneira, ao considerar as limitações orgânico-neurológicas de um paciente com afasia, sua fala fragmentada pode fazer texto na fala do terapeuta. Segundo a pesquisadora, a posição que o fonoaudiólogo deve tomar para estruturar a fala do paciente é a de escuta e investigação do discurso que acontece na sessão clínica. Na forma de interpretação, o clínico pode apreender os sentidos que estão presentes de forma desorganizada na fala do paciente com sintomas na linguagem, na posição de estruturador do discurso, estabelecendo a terapêutica. Ancorada nos conceitos descritos, Castellano ressalta que os termos escuta e interpretação foram entendidos

como noções “imbricadas e indissociáveis”, ou seja, ao falar o sujeito produz efeitos em seu interlocutor, entretanto, é necessário “projetar uma interpretação” para que o sentido ao dito tenha uma direção e faça efeito na fala do outro.

Azevedo¹² pôde olhar a gagueira do ponto de vista discursivo, operando cortes discursivos sobre dois tipos de textos – de mães de crianças referidas como gagas e de sujeitos gagos. Ao identificar determinadas propriedades discursivas concluiu que “a gagueira é um acontecimento discursivo, diretamente relacionado às condições de produção, indicando uma prevalência do discurso autoritário na fala dos pais dirigida ao filho, tipo de discurso onde há contenção da polissemia e apagamento do referente. Assim ao sujeito gago não é permitida a escolha: aliena-se na língua ou é silenciado pelas condições de produção.” (ibidem, p. 5).

Pelo viés da AD, Passos e Freire¹³ propuseram um dispositivo para teorizar a gagueira. Relataram que, durante o século XX, foram desenvolvidas muitas pesquisas sobre a gagueira, assentadas, em sua maioria, sobre o modelo lógico positivista que trabalha com os fenômenos em seu aspecto aparente, pautando-se por uma linearidade, ou seja, pela busca de causas e efeitos a fim de controlar e prever os acontecimentos. Após fazer um percurso epistemológico pelas diferentes teorias que explicam a gagueira, as autoras se pautaram na posição teórica de Azevedo e Freire¹⁴ para considerar diferentemente a chamada fase de disfluência normal de fala que, nessa perspectiva, é tomada como “posição da criança em relação à língua” – para, a partir daí, pesquisarem, suportadas pelo procedimento teórico-metodológico da Análise de Discurso de Linha Francesa, possíveis relações de implicação entre o discurso dos pais e a emergência da gagueira de seus filhos, voltando a atenção para a interpretação da fala da criança e seus efeitos na transformação da fluência desta mesma criança. Concluíram que, “ao pensar a gênese da gagueira, seria primordial levar em conta: a) a interpretação que o Outro faz da fala da criança; b) como a criança ouve sua própria fala e c) a sobredeterminação simbólica da linguagem – re-significando repetições e hesitações como inerentes ao processo de aquisição da linguagem pela criança” (p. 1).

Por outro lado, na atuação fonoaudiológica no berçário de alto risco de um hospital público, Girardi¹⁵, ao analisar os dizeres de mães de filhos prematuros, observou os efeitos de sentido dos termos “risco” e “tempo” em seus discursos. Segundo a autora, no

contexto de atuação hospitalar, a Fonoaudiologia emerge e se estabelece a partir do discurso médico. O termo pré-termo para nomear o bebê é incorporado pela Fonoaudiologia por sua condição de prematuridade, uma das mais citadas como risco para o desenvolvimento de alterações a curto e a longo prazo. Com as ferramentas da AD foi possível apontar a ideologia que permeava o discurso das mães de bebês prematuros: a crença de que apresentariam alterações no desenvolvimento da linguagem. No entanto, ao acompanhar o desenvolvimento desse bebês, Girardi¹⁵ constatou que tal previsão não se concretizou e indicou a necessidade da ressignificação das noções de risco e de temporalidade que envolvem o discurso dos pais sobre o bebê prematuro, acreditando que estes aspectos constituem-se em fundamentos para o direcionamento do atendimento fonoaudiológico dessas crianças. Portanto, outro “olhar” para as peculiaridades envolvidas no atendimento fonoaudiológico de bebês nascidos prematuramente derivou do alçamento da AD.

No campo da atuação clínica em audiolgia, em um estudo sobre a reabilitação vestibular em pacientes com queixas de vertigem e/ou tontura, Lardaro¹⁶ identificou sentidos, antes despercebidos, no discurso desses pacientes, que poderiam interferir em sua ‘cura’. Após uma apresentação, de acordo com a literatura, dos sintomas presentes nestes casos, a pesquisadora encontrou diversas pesquisas que relacionavam os sintomas orgânicos a comprometimentos psicossociais. A reabilitação vestibular proposta pelo fonoaudiólogo, ainda segundo o levantamento bibliográfico, assenta-se sobre o conceito de “plasticidade neural” e, nesta medida, apresenta uma série de manobras para “tratar” dos sintomas do paciente. Tal abordagem se faz à semelhança dos procedimentos propostos pela clínica médica, marginalizando a “escuta” aos sentidos que o paciente dá aos sintomas. Desta maneira, a pesquisadora foi em busca de uma abordagem teórica que lhe permitisse analisar os dizeres de pacientes acometidos pela “síndrome vestibular”. Vislumbrou esta possibilidade na AD pela “abertura de sentido para a leitura sintomática da tontura” e, conseqüentemente, pôde propor uma terapêutica pela dialogia terapeuta-paciente. Ao interpretar, “o fonoaudiólogo retoma a fala do paciente e tem, como efeito, o deslocamento do sujeito, a ressignificação de seu discurso” e, portanto, o deslocamento do sintoma. A pesquisadora pôde estabelecer relações, pelas marcas linguísticas, entre a tontura e a ansiedade. Um discurso marcado

pela dispersão (fugindo ao tema) que, parafraseando Pêcheux (1997)⁶, “ao falar x, deixo de dizer y, o que já instaura o sujeito em um “lugar possível” de ser e, ao mesmo tempo, em “um lugar proibido” de circular”. Como diz Orlandi¹¹ “o sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto”. Lardaro apontou a relação da tontura com o estado emocional do sujeito acometido por tal sintoma, por ter encontrado, em suas análises, a relação entre “se sentir equilibrada não há tontura” e ao “se sentir em desequilíbrio há tontura”, e assim propôs que a terapia fonoaudiológica “vá além do corpo orgânico”, que o fonoaudiólogo não olhe “somente para os sintomas do corpo, mas também para os sintomas presentes nos dizeres dos pacientes”. Ao finalizar, indica que a AD é um instrumento que possibilita ao clínico escutar os dizeres de seus pacientes como parte do trabalho de reabilitação.

Na atuação fonoaudiológica institucional da audiolgia, encontramos a Análise de discurso de linha francesa norteando a pesquisa de Biscaro⁵, escolhida para considerar que os dizeres do sujeito diz de sua história e tem fundamental importância na constituição dos sentidos, como ressalta em seu texto.

A autora se propôs a pesquisar “os sentidos que o Programa de Conservação Auditiva toma no discurso de engenheiros e técnicos de segurança do trabalho que atuam nestes programas. Buscou, ainda, fazer uma discussão sobre a ideologia que permeia o trabalho voltado para a prevenção da perda auditiva ocupacional” (ibidem, p. 8). A partir da análise das entrevistas, foi possível, para a autora, observar como os sentidos historicamente construídos sobre o trabalhador, as relações de trabalho e a legislação brasileira dirigida à saúde do trabalhador, afetam seus discursos. Com os usos da AD foi possível identificar que o Programa foi relacionado tanto a uma imposição legal quanto à geração de custos. Nesse sentido, foi destacado que o discurso dos entrevistados veiculava a ideia de uma separação entre as questões econômicas relacionadas à empresa e àquelas destinadas à saúde do trabalhador. Assim sendo, a autora finaliza seu trabalho acreditando que sua pesquisa possa contribuir para que o fonoaudiólogo “reconheça seu assujeitamento à ideologia dominante do Programa de Conservação Auditiva, que visa prioritariamente proteger a empresa, relegando, a um plano secundário, a saúde auditiva dos trabalhadores”. Expondo a ideologia antes encoberta pelos dizeres, instiga o fonoaudiólogo para que este, assumindo uma postura ética, possa interferir no papel de “mero realizador de audiometrias”,

e realizar avaliações audiológicas de maneira a testar a eficácia do Programa de Conservação Auditiva e planejar medidas em prol da saúde auditiva do trabalhador fazendo valer o que rege a Lei.

No campo da voz, Castellano e Freire² falam sobre o atendimento de pacientes com queixa de voz, em que foi possível observar que o sujeito com disfonia não sofre somente por um sintoma orgânico, mas este sintoma diz de sua história. Os sentidos que o sujeito atribui às suas queixas precisam ser escutados e interpretados na sessão clínica, pois a escuta é um instrumento importante para o manejo do sintoma, derivando daí a possibilidade terapêutica. As autoras propuseram-se a “olhar a disfonia, do ponto de vista discursivo, para além da literalidade dos dizeres, com relação aos sintomas e sinais das disfonias, considerando que a escuta é possível quando o sujeito pode ser visto na interface dos determinantes orgânico, psicológico e social” (ibidem, p. 6). Partindo dessas reflexões puderam pensar no terapeuta como “possibilitador de ações e intervenções que produzam algum efeito no paciente, pois este traz para o espaço clínico sua história, seus sintomas, dúvidas e expectativas” (ibidem, p.11).

CONCLUSÃO

Os trabalhos resenhados indicam que a metodologia da Análise de Discurso de linha francesa é alçada para se analisar dados a partir da perspectiva de discursos instituídos social e ideologicamente. À Fonoaudiologia, ao acessar a AD, interessa a emergência do sujeito no discurso em que a surpresa, os atos falhos, os erros, os enganos revelam sua singularidade. Para ela, importa entender como o sujeito constituído na e pela ideologia, pode ser visto em sua singularidade enquanto sujeito falante e suas demandas e queixas para a clínica fonoaudiológica.

Diversos segmentos da Fonoaudiologia - voz, linguagem, fala, audição - têm experiência na reflexão sobre seus fazeres clínicos pelo acesso à teoria e ao método da Análise de Discurso de linha francesa. Portanto, há uma via de relação entre a Fonoaudiologia e a AD que permite o diálogo com objetivos específicos e objetos distintos, de trazer respostas às questões recorrentes da prática clínica.

Desse modo, a AD contribui na problematização do campo fonoaudiológico no que diz respeito ao seu método clínico e sua atuação institucional, discutindo questões sobre fala, escuta, interpretação, discurso, dentro de uma perspectiva que faceia ideologia (AD)

e singularidade (Fonoaudiologia), podendo ser instrumento de análise de dados na prática fonoaudiológica.

REFERÊNCIAS

1. Gadet F, Hak T (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Da Unicamp; 1993/1990/1969.
2. Castellano GB, Freire RMCA. Análise de Discurso de Sujeitos Disfônicos. *Rev.Soc.Bras.Fono.* 2006;11(1):43-51.
3. Orlandi EP. A Linguagem e seu funcionamento: as formas do Discurso. Campinas (SP): Pontes Ed; 2011/2003/1983.
4. Pêcheux M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de E. P. Orlandi ET et al. Campinas (SP): Ed. Da Unicamp; 1988.
5. Bísvaro C. O Discurso sobre o Programa de Conservação Auditiva: a ideologia e seus efeitos [dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP; 2007. Disponível na internet: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3689
6. Pêcheux M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: Gadet F, Hak T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas (SP): Ed. da Unicamp;1997. p.163-252.
7. Roman J. Essais de Linguistique Générale, Parins: Ed. De Minuit; 1963.
8. Neiva TGS. A Interpretação para a Fonoaudiologia: Primeiras questões [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP; 2001. Disponível na internet: http://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/26_01_2011_taisa_gianecchini_souza_neiva.pdf
9. Sobrino A. Dizer o dito: A questão da interpretação em fonoaudiologia. *Rev. Disturb. Comun.* 1996;8(1):23-39.
10. Castellano GB. Escuta e Interpretação na Clínica Fonoaudiológica. In: 8º Congresso Internacional da ISAPL; 2007; Porto Alegre (RS). Disponível na internet: http://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/escuta_e_interpretacao_isapl.pdf
11. Orlandi EP. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes Ed; 2000.

12. Azevedo NPSG. Análise Discursiva da Gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP; 2000. Disponível na internet: http://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/uma_analise_discursiva_da_gagueira_trajetorias_de_silenciamento_e_alienacao_na_lingua.pdf
13. Passos MCP, Freire RM. Gagueira: uma questão discursiva. *Trab. Ling. Aplic.* 2012;51(1):9-35.
14. Azevedo NPG, Freire RM. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: Friedman S, Cunha MC. (org.) *Gagueira e Subjetividade: Possibilidades de Tratamento*. São Paulo: Artmed Editora; 2001. p.145-60.
15. Girardi ALFN. O bebê prematuro no Discurso de suas Mães [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP; 2003. Disponível na internet: http://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/ALNGirardi_AnaLucia.pdf
16. Lardaro VC. Tontura e suas implicações para além do corpo orgânico [Dissertação]. São Paulo (SP): PUC-SP; 2005. Disponível em http://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/20_04_lardarovc.pdf